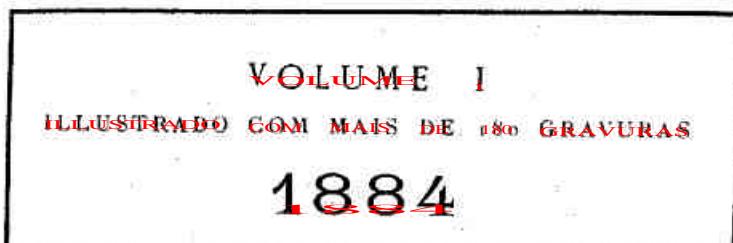


A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

Com a colaboração especial dos primeiros escriptores e artistas de Portugal e do Brazil,
e dos mais notáveis artistas de França, Inglaterra, Alemanha e Itália.

DIRECTOR : MARIANO PINA



PARIS

ESCRITORIOS : 6, RUE DE SAINT-PETERSBOURG, 6

AGENTE EM PORTUGAL

DAVID CORAZZI

42, RUA DA ATALAIA, 42
LISBOA

AGENTE NO BRAZIL

GAZETA DE NOTÍCIAS

79, RUA DO OUVIDOR, 79
RIO DE JANEIRO

ÍNDICE DO TEXTO

Africa. — A justiça em Zanguebau, 6.
— O Slinoum, 26.

America. — A eleição presidencial nos Estados Unidos, 227.

América-mais. — Amoço : A paródia de Jacob, 38.
— Bashkirtsef : Um meeting, 110.
— Boisseau : A defesa do Lec, 53.
— Cahier : Giffrat e o gato, 71.
— Dora : Madona, 246.
— Doutor : Saber a prata, 118.
— Doutor : Fim d'estação, 116.
— Pimenta : Tyro de belleza, 6.
— Olivari : Um desolador, 113.
— Oecatroy : Das mi bocadinhos, 182.
— Giacometti : Naufrágio, 123.
— Ghoul : Lucevive, 114.
— Jenuwahl : Novembro, 115.
— Kacmarc : Um baptismo, 297.
— Lubrion : A crise da coroa, 102.
— Lorenzetti : Na noiteira do mês, 158.
— Maré (Adrián) : Um avanço, 214.
— Meissonnier : A paróquia de xadrez, 71.
— Merle : Quand même!, 150.
— Monteburi : Impresário de verão, 154.
— Morelli : Cantor náutico, 155.
— Palmella (sua duquesa) : Diácono, 25.
— Reinhart : A tempestade, 83.
— Renouf : Um grande auxílio, 118.
— Reuisseus : Um quarto, 6.
— Saura Pinto : O hospede inconsolável, 50.
— Tailor : Operássum, 71.
— Van Beur : Moçambique, 23.
— Vierge : Nôite de verão, 135.
— Wagner : Primeiro encontro, 6.
— Wagner : Natividade, 240.

Bibliografia. — 63, 142, 158.

Biographias. — Arimo (basado de), 70. — Copas, 246. — Courbet, 158. — Daudet, 67. — Dumas (J.-B.), 4. — Dumas (filho), por A. G., 187. — Dumas (pai), 22. — Fernández Araujo, 23. — Guille (príncipe de), 3. — Gambetta (padre), 4. — Goncourt (Editorial de), 23. — Goncourt (Jules de), 182. — Hans Mackay, 165. — Hugo, 213; por Théophile Braga, 214. — Hugo e esposa (Gloria), 245. — Júlio, 155. — Koch, 134. — Lemos (Edmundo de), 211. — Meissonnier, 54. — Napoléon (Jerônimo), 86. — Napoleão (Victor), 86. — Orange (príncipe de), 86. — Pasteur, 59. — Pedro Luiz, por Machado d'Ássis, 163. — Richépin, 59. — Sand (George), por Gil Vicente, 139. — Sant'Anna Neiv, 134. — Sousa Carqueja (Manuel de), 214. — Stanley, 237. — Tseng (marquês de), 48. — Wurz, 38.

Brasil. — Coração Riomantico, 155.

— Índigenas do Amazonas, 227.
— Praia d'Icaraty (Rio de Janeiro), 242.
— Vista do Amazonas, 171.

Cagadas. — A compadurina fiel, 11.

China. — China contemporânea, 155, 171, 185.
— Negociante d'opium, 134.
— Tribunal em Shanghai, 119.

Chapéus, por Mariana Pinto. Em todos os números.

Cozinha. — Buville : O genro das partentes, 184.
— Chou, O cozinheiro, 90. — O desafio de prata, 56.
— Daudet : Menfoma, 15. — Os pastelinhos, desenhos de Jeanmin, 15.
— Drize : O sr. Conde, 118.
— Flaubert d'Whealith : Sua excentricidade moleiro, 219.
— A dor, 250.
— Frechoso (conde da) : A catinha da malhação da Crespa, ilustração de A. Ramalho, 150.
— Gil Vicente : O diñeiro do Papar, desenhos de S. Arcos, 164.
— Gonçalves : O amor, 168. — Peters, 25.
— Guy de Maupassant : O Garrafão, 231.
— Helios : Condessa Pafatice, 04. — Corpo e alma, 01.
— Mapabas (Valentim de) : Flores de primavera, 110.
— Miranda : A gaia, 139.
— Quatelles : O lanceiro Griepinho, 11. — O último homem em ultima noite, 107.
— Segurado (Jayme de) : Um banho no Havaí, 109.

Críticas: Eça de Queiroz : Inglaterra e a França juntas por um instante, 31.
— Filho de Almeida : Guilherme d'Almeida, 10. — Al Kermesse de Lisboa, 62.
— Pinto (Maria José) : A poesia portuguesa, estudo em francês, 170.
— Segurado (Jayme de) : As Blasfêmias, de Jean Richer, 59.

Frances. — A casa onde nasceu e onde morreu Gambetta, 22.
— Desordem nos céus (leads), 35.
— O chokom, 09, 135.
— O presidente da República em Mont-sous-Vaudrey, 102.
— Experiências do Pasteur sobre a hidropitílio, 74.
— A bela mar, 115.
— Uma canção de Dieppe, ilustrada por Adrién Marc, 125.
— A estatua de George Sand, 132.

Hesiodo. — Uma execução, 86.

— O movimento anarchista, 87.

Inglaterra. — O coroinha de madril, 125.

— Christmas, 260.

— Londres : A catedral de S. Paulo, 38.

Itália. — 171.

— O chokom em Nápoles, 188.

Lista. — A exposição agrícola, 38.

— A kermesse, 56.

Lisboa. — A estatua do marquês de São da Maia-Reis, 87.
— Diário da Manhã, 227.
— Correio de Portugal, 230.

Livros ilustrados. — Il. artes de São João de Vilh Hugo, 150.

NOTAS e explicações. — 14, 16, 14, M9, 131, 113.

Paris. — OSSO, 3.

— No dia da vintagagem, sr.
— O caminho de Longchamps,
— O jardim das Tuilérias, 71.
— A festa do 14 de julho, 87.
— Uma tarde em Bougival, N.
— O mercado das flores, 102.
— A estatua de Diderot, 115.
— A Comédia Francesa, 171.
— Ensaios sobre a direção dos filhos, 182.
— Antes de inverno, 211.
— O túmulo de Michelot, 211.
— Corridas d'outono, 221.
— O choque em Paris, 220.

Passatempo. — 43, 80, 16, 116, 157, 143, 150, 175, 186, 207, 223, 229.

Poemas. — Almeida (Filhote de) : De Viagem, 179. — De Viagem, 161.
— Ariosto (Joaquim d') : Conselhador, 16. — Ignorante, 163.
— Coque : Serebrio (fac-símile do poeta), 250.
— Crespo : As ondinhas, 116.
— Delpho (Luiz) : Altarsos, Deus, 203. — Jesus an colo da Magdalena, 17. — Al matô e a conscientia, 211.
— Didier (Raul) : Canções na noite, 74.
— Guimaraes (Luiz) : Paris, 14. — Londres, 30. — Per amar silentem, 102. — Estatua, 134.
— Junqueiro : Na praia, 147.
— Lima (Silvestre de) : Noite de inverno, 250.
— Magalhães (Valentim de) : Resubios, 170. — Fotme, 165. — Intimo, 214.
— Murat (Luiz) : Nôme album, 187. — Latido, 230.
— Oliveira (Alberto de) : Vida nova, 243.
— Segurado : Novefigo, 24. — Florinha, tradução de Banville, 230.
— Verde (Cesarino) : Novo poemista, 135.

Portugal. — Castello de Gundilim, Paes, 115.
— Ciara desenhada por um ladrão, 134.

Rússia. — Camino de ferro sobre o Neva, 230.
— Como viaja o Czar, 115.
— Invasão em Moscow, 113.
— Uma casa de gato sobre o Neva, 246.

Theatro. — 31, 47, 64, 79, 94, 131, 137, 150, 173, 206, 255.

Tonsim. — 23.

— A tomada da bandeira, 71.

INDICE DAS GRAVURAS

Arábia. — A justiça em Zanguebar, 16.
— O Simosim, 22.

Austrália. — Os funerais de Hans-Mackart em Vienna, 166.

Bellas-arts. — Amoêdo: *A partida de Jânio*, 56.
— Ballinot: *Prócessos do verão*, 120.
— Balkirkself: *Um meeting*, 97.
— Boleslav: *A defesa do lar*, 81.
— Carlito: *Giljat no palco*, 69.
— Dore: *A Madina*, 248.
— Duez: *Sobr a praia*, 128.
— Duez: *Fim d'estação*, 205.
— Duran: *Tipo de belleta*, 8.
— Echler: *Recordação d'Itália*, 160.
— Gavari: *Um desenho*, 113.
— Geoffroy: *Dá o bocejão?*, 184.
— Giacometti: *Naufrágio*, 24.
— Gilotti: *Lucrecia*, 230.
— Hans-Mackart: *Capela de Diana*, 200.
— Jenoudet: *Novembro*, 193.
— Kremerer: *Un baptismo*, 213.
— Lubrichon: *A caçada ao corvo*, 105.
— Lorenzelli: *Na ausência do mestre*, 160.
— Marie (Adriano): *Um avarento*, 221.
— Meissonier: *A partida de académicos*, 77.
— Merle: *Quem mème*, 1... 136.
— Montbard: *Prócessos do verão*, 127.
— Morelli: *Cantos árabes*, 167.
— Palmella (em duas das): *Diogene*, 69.
— Reinhart: *A tempestade*, suplemento a duas cópias: *colección*. Entre páginas 88 e 89.
— Renouf: *Um grande auxílio*, 124.
— Rousseau: *Um quadro*, 12.
— Souza Pinto: *O hospede inconsolável*, 68.
— Taylor: *A foice da morte*, 70.
— Van Beers: *Montalte*, 25.
— Vierge: *Noite de verão*, 141.
— Wagner: *Primeiro encontro*, 13.
— Wagner: *A Natividade*, 241.

Brazil. — Couracuto Riacchnel, 153.

— Índigenas: *Amazônia*, desenho de Amoêdo, 228,
— Peixes d'Índia (Rio de Janeiro), desenho de
F. Villaga, 245.
— Vista do Amazonas, desenho de F. Villaga, 168.

Caçadas. — Abertura da caça, 129.

China. — Um tribunal em Shanghai, 43.
— Um vendedor de opium, 136.
— Uma mu de Pekim, 148.
— Padres jesuítas dizendo a missa em Shanghai, 141.
— Japoneses de guerra, 153.
— Exame dos soldados, 156, 173.
— Tumulto dum general chinês, 137.
— Um general e o seu escadado maior, 157.
— Uma casa de espóvos em Cantão, 189.

Frances. — A criade que nasceu Gambetta, 20.
— A casa onde morreu Gambetta, 28.
— Desordem nos coros: A tenda de São Medard, 53.
— Experiências de Pasteur Sobre a hydrophobia, 67
c'80. —
— O cholera em França, 160, 164, 168, 169, 170.
— A casa do presidente da República em Mont-sous-
Vaudrey, 169.
— A estatua de Georges Sand, 132.

Espanha. — As execuções, 84.
— Movimento anarquista, 92.

Ilustrações. — Japonês: Os pastoreadores, de Alphonse
Daudet, 75, 78.
— Maria (Adriano): *Carta de Dieppe*, de Gil-Vicente,
113, 125.
— Ramalho: A capela do matadouro da brespa, do
conde de Ficalho, 150, 50.
— Santiago Arcos: O drameiro do Pápa, 162, 165.
Inglaterra. — O corojo da marinha, 117.
— Chiribas, 153.
— Londres: A catedral de S. Paul, 40.

Italia. — Carrasco das proximidades de Roma, 173.
— Cholera em Nápoles, 176, 188.

Lisboa. — A exposição agrícola, desenho de M. Macedo e
Christino, 64.
— A Kermesse promovida por Sen. Magestad, a Rainha, desenho de Raphael Bordalo Pinheiro, 56
e 57.
— A estatua do marquês de Sá da Bandeira, desenho
de Ramalho, 181.
— Diário da Marinha, redução photographica, 236.
— Correio português, redução photographica, 236.
Livros ilustrados. — Gravuras extraídas da *Ante de
ser avi*, de Victor Hugo, 252.

Paris. — O Salón, desenho de A. Marie, 4.
— O dia do Verwissage, desenho de Mars, 21.
— O Grand-prize, 53.
— O jardim das Tuilleries, desenho de Bernatzich, 76.
— As festas do 14 de julho, 88, 89.
— Uma tarte em Bougival, desenho de Bernatzich, 93.
— Mercado das flores, desenho de Amoêdo, 101.
— A estatua de Diderot, 116.
— A escala da Comédia Francesa, 161.
— Ensaio sobre a direção dos bairros, 180.
— Anos do inverno, desenho de Vierge, 209.
— O túmulo de Michellet, 212.
— Corridas d'outono, desenho de Mares, 231.
— Cholera em Paris, 237.

Pokrovsk. — Castello de Gualdino Paes, desenho do
Grun, gravura de Holter, 204.
— Churr desenhado por um inglês, 136.

Riuniores. — São Magestad e a sra. D. Maria Pia, 56.
— Arinos (herdeiro), 69. — Brouardel, 109. — Cop
pée, 249. — Courbet, 156. — Daudet, 63. — Du
jane (J. B.), 5. — Duans (filho), 177. — Dumas (padr), 17.
— Faivel, 109. — Ferreira d'Araújo, 28. — Galles
(princesa da), 1. — Gimbutas (padre), 12. — Goncourt
(Edimundo), 29. — Goncourt (juiz de), 180. — Hans
Mackart, 160. — Hugo, 216. — Hugues e esposa (Glo
ria), 244. — Judic, 145. — Keck, 140. — Lemos (Eduar
do), 318. — Meissonier, 52. — Napoléon (Jeronymo), 85. — Pasteur, 49, 60. — Pedro Luis, 172. —
Presidente e vice-presidente dos Estados Unidos, 238.
Proust, 109. — Richépin, 60. — Saudi (George), 133. —
Sant'Anna Nery, 140. — Sousa Carneiro (Manuel
de), 230. — Stanley, 235. — Tseng (marquês do), 48. —
Werre, 37.

Russia. — Caminho de ferro sobre o Neva, 236.
— Como viaja o czar, 116.
— Invenção no Moscow, 213.
— Uma casa de gelo sobre o Neva, 244.

Tokio. — Annuncias ussoando para chamar o ven
to, 29.
— Churr sobre o jaxo, 29.
— A tocaia da bandeira, desenho original de Neu
ville, 172.



A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

RIO DE JANKIRO

GAZETA DE NOTÍCIAS, 7o, R. da Orla das

Assinaturas

ANNO (CITAD) IPTO, 12.000
SEMESTRE 1.200
ANNO (PROSPECTO) 12.000
Avulso 1.000

PARIS. — Volume 1. — Número 1.

PARIS 5 DE MAIO DE 1884

Director : MARIANO PINA, 7, rue de Paix.

LISBOA

Dario Orlanza, 12, R. da Atalaya.

Assinaturas

ANNO 12.400
SEMESTRE 1.200
TRIMESTRE 1.000
AVULSO 1.000



Dama belíssima: A PRINCEZA DE WALES

SUMMARIO.

TAVO : Chronique, por Mariano Pina. — As nossas gravuras: A Princesa de Galles; O Salão de Paris; João-Baptista-Dumas; Typo de Bellier, quadro de Carolus Duran; O pas de Leon Gambetta; Um quadro de Philippe Rousseau; Primeiro encontro, quadro de Wagrez; A justiça em Zanguebar. — O Lanceiro Grisbach, por Quatelles. — Paris! por Luiz Guimaraes Jr. — *Notas e impressões*. — A Montrose, por Alphonse Daudet.

GRAVURAS: A Princesa de Galles. — O Salão de Paris, por Adrien Marie. — João-Baptista-Dumas. — Typo de Bellier, por Carolus Duran. — O pas de Gambetta, por Adrien Marie. — Um quadro de Philippe Rousseau. — O primeiro encontro, por Jacques Wagrez. — A justiça em Zanguebar.

CHRONICA

— — — Eramos

SOCIO, OCURRE-ME hoje o que já me sucedeu há seis annos — ter de apresentar um novo jornal ao público e ter de correr-lhe. Recordações de seis annos! Como me sinto velho!...

É verdade, lá lá vão seis annos... Foi em 1878, divagava eu pela decima octava primavera, tempos de lycée e tempos de bohemia, uma bohemia pacata alimentada a torradas nas mezes do *Martinho* — quando um grupo amigo de rapazes me pede para tomar a direcção d'um quinzenário de oito paginas, papel barato e impressão económica, que tinha em vista ser lido pelos redactores e por meia duzia d'amigos.

As vezes um dos amigos tinha que sahir de Lisboa, partir em viagem para a província; hoje aqui, amanhã acolá. Faltava portanto um leitor — e aqui andavam os nôs à descoberta d'uma alma caridosa que quisesse lançar seu olhar condescendente sobre as columnas da nossa folha...

Chamava-se o jornal *Estócos*. Dêmo-nos o luxo de apresentar um programma, e asseríamos aos nossos seis leitores que trazímos ideias novas e que queríamos fazer justiça. Tínhamos a dura convicção de que havia muita indignidade a castigar!

Quando falavamos em Liberdade, escreviamos sempre respeitosamente o seu nome com um L maiúsculo. Muito atenciosos nós eramos! E ao alludir a Reação, o nosso desdém, o verde sarcasmo do nosso labio descabido, de nojo, chegava até — ó temeridade da juventude! — a escrever a maldita palavra com o pequeno. Não sei se o sr. padre Amado soube de desdém — o que é um facto é que elle nos pôs o ódio na memória moeda, dando n'esse moeda dois réis dos nossos...

Eramos temíveis! Todos os quinze dias preconizávamos causar catástrofes aos seis leitores. E causávamos! Escolhímos os assuntos os mais palpitantes ou os mais téticos — o adultério, o patrocínio, o infanticídio, o escravidão, a ignorância em que os povos jazem, o espírito das trevas, etc., etc.

Lembro-me que uma vez causou assombro uma crónica minha sobre os suicídios, crónica escrita n'um momento d'indignação ao ler a notícia de que uma criada da rua da Bitesga, illudida em seus amores por um barbaças da municipal, chegara ao doloroso extremo de se deitar d'um primeiro andar para um saguão — fracturando uma perna. Os jornais informaram que a desgraciada recebeu os devidos curativos no banco do hospital de S. José. — Pois até me ofereceram n'essa noite, no *Martinho*, um café e um copo de genebra. Coisa rica, a minha crónica!...

Em litteratura os *Estócos* eram d'uma irreverência que às vezes chegava á blasphemia; e rapazotes como eramos, mas levados de mil démonios, fazímos das nossas columnas um bello entrudo onde era enfarinhadada a Musa pacata e inofensiva do sr. Florencio Ferreira, e outras Musas serânejas.

Eramos do *Martinho*, o que equivale a dizer que odiávamos profundamente o *Chiado*. Mas com que ódio!... Quando algum de nós tinha de subir a rua nova do Carmo, assistíavamo-nos indignados para o passeio do lado do Margoteau, para não termos de ouvir os rumores que vinham d'um *autro infame* que José de Figueiredo possuía, expressamente, para nos acender as iras.

O *Chiado* acabava de nos entraçecer. E o nosso olhar odioso e cruel, assombrado por um chapéu de coco, cabia obliquo sobre a litteratura chic, sobre os mancebos apregoados nos jornais diários, ostentando á porta da *Havaneira a gloria* das cabeças que o público começava a apontar a dedo. E achávamos razão a D. Pedro, o *Cru*, mordendo os corações dos assassinos de D. Ignez!...

Fidalgo d'Almeida, que por esses tempos fazia versos :

Quando nós éramos crianças
Pequenos bábiez risinhos

dedicados a uma poética de Leiria — era quem no *Martinho*, com um ardor que só se encontra igual entre gregos e romanos, accendia os odios contra o *Chiado* e contra o *autro* do Figueiredo. A litteratura dos jornais de bairro-alto era todas as noites esquacada as mesas do supracitado café. E Jayme Victor era considerado como um traidor que nos ia vender á *Havaneira*, indo denunciar os nossos nomes e o feito dos nossos narizes aos nossos inimigos implacáveis...

Bons tempos que esses eram!

Mais tarde entravamo no *autro* da rua Nova do Carmo e no *autro* da *Havaneira*, e os inimigos terríveis eram uns bellos rapazes cheios de talento e de vida, a quem hoje nos ligam as mais estreitas relações d'amizade.

Nem eu já sei como é que os *Estócos* desapareceram. O que sei é que os passaram, e que seis annos mais tarde me

vejo a dirigir um outro jornal em Paris, mas jornal que se destina a um vasto público.

A tarefa é ardua. Dá-nos, porém, coragem a ideia de que a *Illustração* é uma necessidade e de que o nosso fim é útil.

Jornais ilustrados têm os havido, ha-os ainda, e todos os dias se criam outros novos. Mas em Portugal e Brazil os processos de gravura não se acham ainda a par do que se faz especialmente em Paris e Londres, e o jornal, portanto, para ser bem feito, para ser em tudo igual aos grandes jornais como o *Monde Illustré*, a *Illustration*, o *Graphic* ou a *Illustrated London News*, tem de ser feito no centro da Europa. Faltam os elementos em Lisboa e faltam os elementos no Rio de Janeiro.

Uma empreza que quisesse levar a cabo a nossa ideia, n'uma d'estas cidades, teria de lutar com as maiores dificuldades, teria de arriscar enormes capitais, e o jornal pecaria sempre pelo acabamento artístico e pela falta de actualidade. Foram estas razões que nos levaram a imprimir o nosso jornal em Paris, fazendo-o em tudo igual aos jornais franceses, os que mais agradam ao público a que nos dirigimos.

Imprimindo-o em Paris — podemos acompanhar com gravuras excellentes todos os grandes acontecimentos que se passarem pelo mundo, dando sempre a maior actualidade a crónicas e a individuos de Portugal e do Brazil, ao mesmo tempo que apresentamos nas páginas da *Illustração* as reproduções das melhores obras d'arte que aparecerem nos mercados da Europa. Imprimindo-o em Paris — podemos acompanhar passo a passo a litteratura francesa, aquela que nos ensina e nos guia, a nós portugueses e brasileiros, e dar aos nossos leitores a ultima novidade palpitante.

A falta d'uma verdadeira *Illustração* para os dois países que falam a mesma língua e têm os mesmos hábitos e o mesmo paladar, era coisa bem sensível. A *Illustração nos países* onde se le, é o jornal de luxo, o jornal agradável, o jornal artístico e mundano, que se folheia com prazer, que se vê com interesse, que se le com curiosidade, que se coleciona, que se archiva, e que forma este volume sympathetic e sempre atraente que existe em todas as salas e em todos os gabinetes de trabalho.

A França possui o *Monde Illustré* e a *Illustration*. A Inglaterra o *Graphic* e a *Illustrated London News*. A Alemanha a *Illustrirte Zeitung*. A Itália a *Illustrazione Italiana*. E Portugal e Brazil ainda não possuem nenhum jornal n'este género, dois países onde o journalismo se achou tão desenvolvido, e onde o público para satisfazer os seus desejos tem de comprar por preços elevados as ilustrações francesas ou inglesas.

Realizaremos dignamente a nossa ideia! Não nos faltam elementos e não nos falta coragem. Se precisarmos alcançar as sympathias do público. Que che nos auxilie — e não haverá descontentes.

Quanto a programmas oficiais, temos a honra de lhes anunciar que não temos programma — para evitar embarracos futuros!

Em Portugal e Brasil o uso e o abuso do programma é mais terrível que o uso do opio na China e o uso da morfina entre os demais e os danos dos Estados Unidos. Homens e mulheres tem havido que anunciam um dia ao público que, no tocante a cores, só vencem o azul, no dia em que também querem vencer o rosa — ou ficam desacreditados ou morrem para a pátria. E a História a berrar-lhes aos ouvidos;

— Paris! Ainda há cinco anos não havia nada melhor do que o azul; era azul para aqui, azul para acola, e hoje aparecemos pintados de rosa! Sua de marotos!..

Fugindo à tentação do estilo metafórico que às vezes me deixa mais entredito que uma mósca na teia d'uma aranha, sem o leitor perceber o que eu digo e sem eu perceber o que quero dizer ao leitor! — devoltes declarar que aquilo que se chama *um programma* é a molestia mais perniciosa que pode atacar um jornal, um jornalista, um deputado ou um partido, pela simples razão de que *um programma* está sujeito à lei fatal que condenou todos os pannos a chegarão ao fio, isto é, a usarem-se!

A maioria dos animais de nossa espécie não quer quererem semelhante cousa. Imaginam os programmas uma cousa divina e inviolável, sem poderem sofrer a mínima alteração até a consumação dos séculos... São tão invioláveis como os nossos sapatos, hoje — uma maravilha! — e d'aqui a seis meses — uma vergonha!..

Um programa é um *paletot* que um indivíduo veste para trazer abafadas as suas ideias — e como todos os *paletots*, o programma tende naturalmente a sair-se! Passado certo tempo precisa-se d'outro novo, como se precisa d'um novo casaco.

As ideias que hoje se nos afiguram magníficas são amanhã horrores. E os homens políticos dos nossos dois países não se veriam hoje em tamanhas dificuldades e em tão ridículos posições, se não tivessem praticado a asneira de apresentar aos seus compatriotas, em 1830, um programma que hoje é ridículo, porque passou de moda, mas que a multidão exige que elles tragam arrastando ao pé, como forcados — por que foi essa a primeira bandeira que elles arvoraram.

As conveniências modernas, as revoluções, os novos progressos e as novas instituições — exigem que elles substituam essa desbotada e velha bandeira por uma outra. Mas a multidão n'este ponto é cruel. Quem pertence aos apres que outrora eram famosos mas que hoje para nada servem, não pode passar para os brancos que são a vida nova, gloriosa e prometedora — sem se arriscar aos apuros e a troca reis dos eleitantes e dos imbecis. E o tal *programma*, a tal *primeira bandeira* não é mais do que a mortânia que o homem de talento para si talhou, com as suas próprias mãos...

Ao diabo os programmas!

A humildade, às vezes, é deveras cruel e injusta para merecer confissão do que se deseja hoje fazer, e do que se tenta fazer amanhã.

As cousas n'esta bola que habitamos desandam tão rapidamente, e as ideias mudam-se e transformam-se com tanta facilidade, que o melhor e o mais proveitoso — é produzir *obras* e não fazer *promessas*!

São estas as melhores ideias, e são estas também as ideias do jornal que hoje começo a dirigir.

Mais agora reparo. Não será isto mesmo um verdadeiro *programma*?

Talvez. Mas de todos os programmas o melhor — sem dúvida.

Maria Piza.

AVISO

Para que os nossos leitores possam julgar do quanto desejarmos dar a maior actualidade e o maior interesse à Ilustração, anunciamos-lhe desde já, para um dos próximos números, a colaboração especial do ilustre romancista português

ECA DE QUEIROZ

um dos escritores que mais sympathias posse em Portugal e Brasil. Isto no que diz respeito à parte litteraria.

Quanto à parte artística vamos apresentar-mui brevemente a reprodução dalguns dos quadros dos

PINTORES PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

que expõem este anno no *Salon de Paris*, gravuras da maxima actualidade, e que os nossos leitores não de apreciar muitíssimo, por que lhes proporcionamos a occasião de admirar os trabalhos dos seus compatriotas pensionados em Paris.

Em breve começaremos a dar gravuras de Portugal, e num dos próximos números publicaremos o retrato d'un distinto

JORNALISTA BRAZILEIRO

de quem recebemos ha poucos dias um livro cerca da política no Império, livro que a critica recebeu com grandes elogios.

AS NOSSAS GRAVURAS

A PRINCEZA DE GALLES

Com um magnifico retrato de S. A. a Princesa de Galles — retrato executado por um distinto gravador inglez — inauguramos hoje a nossa galeria de Damas celebres.

A nossa ideia é oferecer a leitura da ilustração um sympathetic e notável mistério de beleza femininas — das damas de mansuetude e piedade social. Parece-nos que isto éria-

mos comunicando para esposas do príncipe de Galles, o herdeiro da coroa de Inglaterra.

O nome da ilustre princesa é pronunciado com o maior respeito em todas as cortes da Europa, e spontânea é como modélo de distinção, de elegância, de inteligência e de bondade.

No alto mundo europeu desse século, o seu nome é o que mais brilha pelas festas deslumbrantes e origines a que está ligado, na sua maioria festas de caridade, a que tem concorrido todo a aristocracia europeia.

A Grã-Bretanha considera contra a mais bella expressão da elegância inglesa. Nos salões que atravessa, a sua figura destaca-se nobremente como um tipo ideal de magestade que tivesse descendido d'uma tela de mestre. E poucas cabeças femininas tem sabido ostentar com tanta distinção e tanta naturalidade um diadema real.

A filha de Christino IX, rei de Dinamarca, é, além de princesa de Galles, duquesa de Saxe, duquesa de Cornualha e de Rothesay, condessa de Chester, condessa de Carrick e de Dublin, baronesa de Renfrew. É a futura rainha de Inglaterra e a futura imperatriz das Indias.

Mas não é sómente por estes títulos que o povo inglês tanto a respeita e tanto a ama. Amam-na porque a sua alma é caritativa e boa; respeitam-na porque a princesa de Galles é a melhor das esposas e a melhor das mães...

O SALON DE PARIS

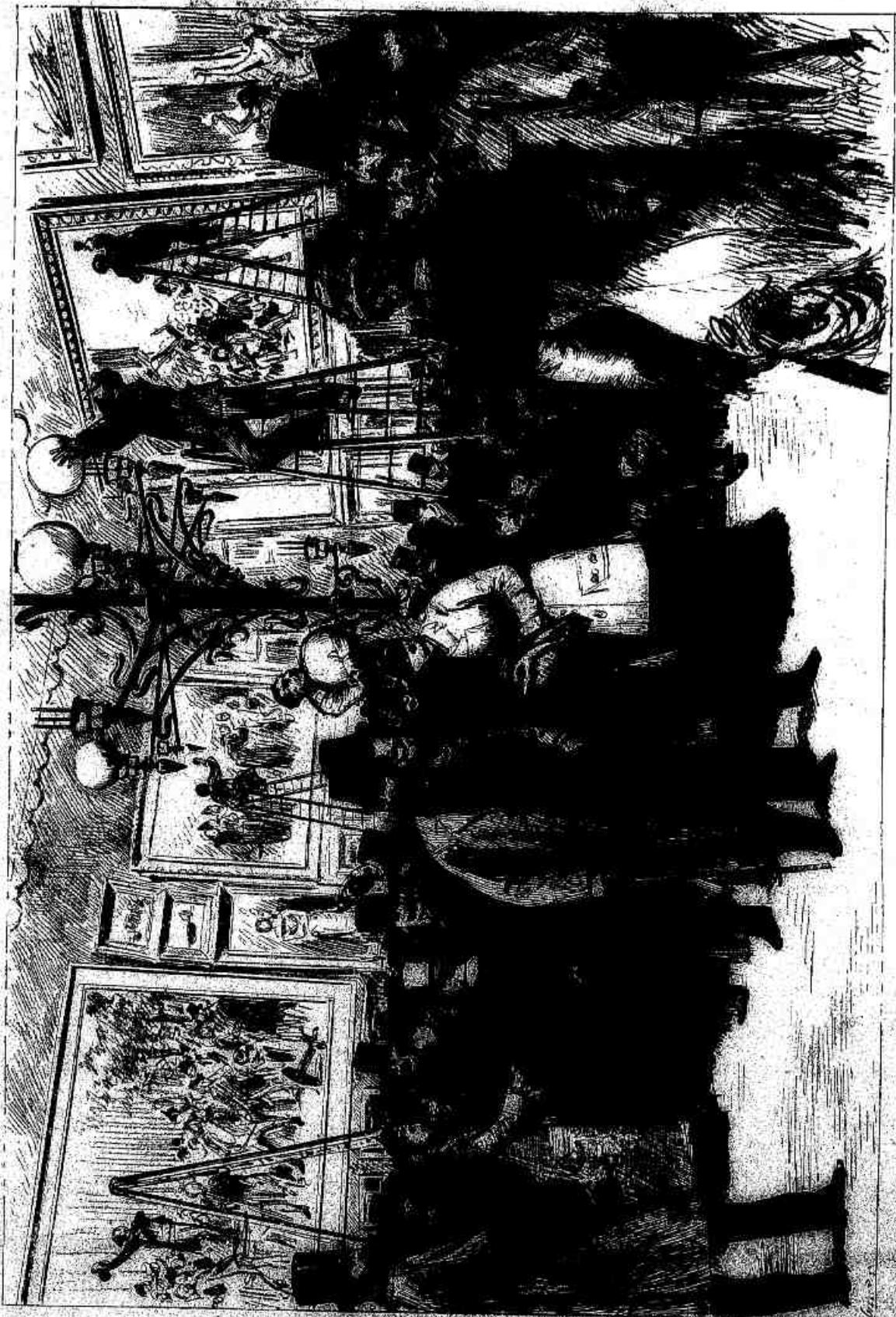
A exposição annual de bellas-arts, mais conhecida pelo nome de *Salon*, abriu há quatro dias e nós oferecemos já hoje aos nossos leitores uma pagina representando uma das salas da grande exposição, desenhada pelo distinto artista Adrien Marie, o collaborator estimado e applaudido dos jornais illustrados de Paris e de Londres.

A importunida artística do *Salon* vai augmentando d'om modo considerável de anno para anno. Antigamente os quadros enviados contavam-se por dezenas — hoje contam-se por milhares. Antigamente o *Salon* era apenas um acontecimento para artistas — hoje é um acontecimento verdadeiramente parisiense; e os viajantes que antigamente vinham a Paris, nos primeiros dias de junho, para assistir ás grandes corridas de Longchamps, ao dia do *Grand Prix*, adiantam hoje a sua viagem chegando nos primeiros dias de maio para verem o *Salon*, onde está representado a arte de todos os países.

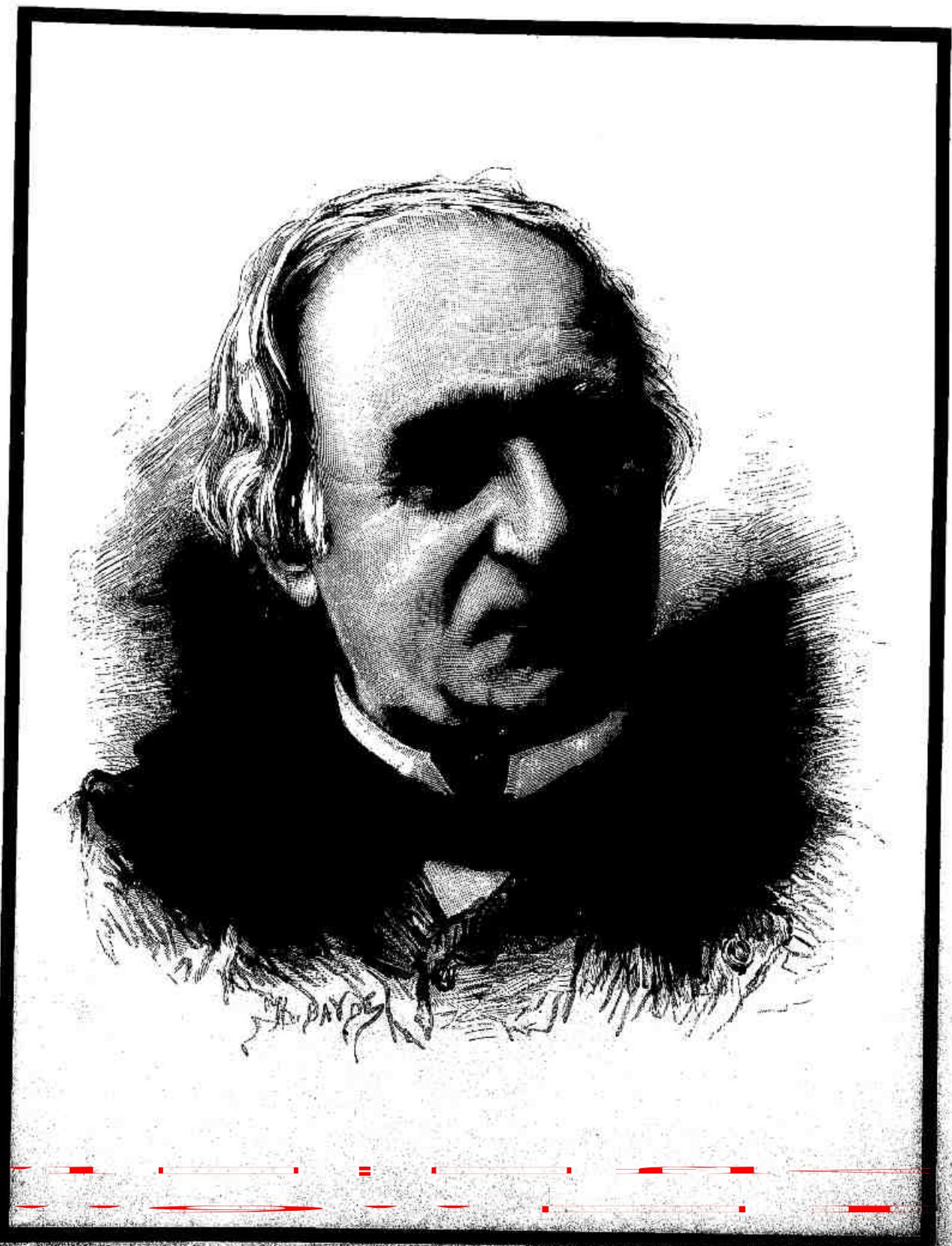
Portugal e Brasil tem sido por varios annos brilhantemente representados e ainda ultimamente vimos no *Salon* trabalhos bem notáveis dos portugueses: Arthur Loureiro, Columbano Bordalo Pinheiro, Sousa Pinto, Ramalho, Gago, Rato, Condeixa, e dos brasileiros: Amodio, Almeida, e ainda o anno passado, Victor Meirelles.

Este anno tambem expõem trabalhos alguns artistas dos dois países, e escusado será dizer aos nossos leitores que em breve vão aparecer nas paginas da *Ilustração* as reproduções dos seus quadros, para dizer o publico de Portugal e do Brasil veja como os seus compatriotas tambem ilustram a arte, n'uma exposição tão importante como esta é.

A nossa gravura representa uma das salas do vasto Palácio d'Industrie, nos Campos Eliseos, no proprio dia anterior à exposição em que os pintores vão e les próprios os vernizam os quadros, dia em que elles recebem as felicitações de amigos e de admiradores. O *Salon* só se abre ao publico no dia 1º de maio.



O SALON DE PARIS



O ILUSTRE CHIMICO J.-B. DUMAS. — Falecido em Cannes no dia 31 de abril.

Adrien Marie traçou com a maior felicidade este assumpço, e os que já tiveram o prazer de assistir a um *vernissage* podem verificar quanto o nosso desenhador foi exacto nos mais pequenos detalhes. Foi o grande salão de entrada que o artista reproduziu, o salão por onde passa todo o mundo parisiense: o mundo dos artistas, dos diplomatas, dos políticos, dos elegantes, onde todos se encontram e se cumprimentam. O público aglomera-se ao longo das paredes para admirar as grandes novidades, os quadros dos artistas que estão na moda; os pintores, em cima das escadas, acabam de envernizar as suas telas — e aquelles dos nossos leitores que já tenham deparado em Paris com as celebridades da época, hão-de reconhecer na nossa gravura algumas d'ellas. À esquerda, a dama vestida de preto que aperta a mão a uma outra senhora é a grande actriz Sarah Bernhardt. O Individuo que está proximamente, também vestido de preto, é o celebre pintor Gerome, o pintor dos assumpços do Oriente. E à direita, a ultima cabeça que espreita, os bigodes levantados, a barba talhada em duas pontas, é Carolus Duran, o illustre pintor de quem damos nas nossas paginas do centro o *Typo de Belleza*.

No 2.º numero da *Ilustração* daremos uma espirituosa pagina de Mars, o desenhador das elegancias parisienses, onde este artista encara o *Salon* por um outro lado não menos curioso, nem menos pitoresco.

J.-B. DUMAS

Não foi simplesmente a França que perdeu um filho notável, foi também a ciencia que perdeu com a morte d'este homem um dos seus apostolos, dos mais activos e dos mais celebres. J.-B. Dumas era o chimico illustre cujo falecimento todo o mundo científico hoje deploia, e que passou toda a sua vida entre as quatro paredes do seu laboratorio, para gloria do seu paiz e bem da humanidade.

João-Baptista Dumas nasceu em Alais, departamento do Gard, em 14 de julho de 1800. Depois de ter entrado em Paris, em 1823, como repetidor do curso de chimica na Escola Politecnica, rapidamente conquistou uma posição no mundo científico, apresentando theorias novas que tiveram a honra de ser combatidas pelo celebre Berzelius.

A ciencia moderna deve-lhe trabalhos de primeira ordem. Professor eruditio, escriptor elegante, publicou entre outras obras: um *Tratado de chimica applicada ás artes, Lições sobre a philosophia chimica, Estudo sobre a estatística chimica das seres organicos*, etc.

Em 1832, a Academia das ciencias de Paris, fazendo justica ás suas obras, chamou-o para o seu gremio, e em 1868 nomeava-o seu secretario perpetuo. E em 17 de dezembro de 1875 foi eleito membro da Academia francesa, como sucessor de Guizot.

Em 1848, no tempo da Republica, teve assento na Assembleia legislativa; em seguida era nomeado ministro da agricultura e do commercio, e depois senador e vice-presidente do conselho superior de instrução publica. Em 14 d'agosto de 1863 J.-B. Dumas foi nomeado grā-crus da Legião d'Honor.

Um jornalista notável, redactor do *Figaro*, escrevia d'elle o seguinte, no dia imediato ao do seu enterro:

« Todo o bom cidadão de França lamenta hoje a sua morte...»

« Ha-de ficar como um dos trez homens que representam com mais gloria a ciencia — que digo eu a França — no estrangero. É uma das trez cores da grande bandeira pacifica : Dumas — Lesseps — Pasteur. »

J.-B. Dumas morreu em Cannes no dia 11 d'abril ultimo e os seus funeráres, que se realizaram em Paris, foram verdadeiramente principescos.

O retrato que hoje damos do illustre chimico, retrato que deve despertar interesse entre os homens de ciencia de Portugal e do Brazil, foi executado pelo nosso gravador Ch. Baude, a quem estão confiados varios trabalhos artisticos da *Ilustração*.

TYPO DE BELLEZA

CAROLUS Duran não é um estranho para Portugal. Todos se lembram da estada do grande artista em Lisboa, quando foi a esta cidade, convidado pela Casa Real, para pintar o retrato de S. M. a sr.ª D. Maria Pia. Por essa occasião o pintor frances deixou trez obras-primas em Portugal — aquelle retrato, o retrato da sr.ª Duqueza de Palmella, uma das damas mais illustres da aristocracia portuguesa, e o retrato de sua filha — dos trez trabalhos, o mais bello, o mais soberbo, que teria em Paris um successo enorme, se por acaso aqui fosse exposto.

Foi portanto á obra d'um artista conhecido que fomos procurar o quadro que hoje oferecemos aos nossos leitores. Qualquer descrição, ao lado de tão esplendidagravura, seria ridícula. O pincel que desenhou e produziu esta cabeça extraordinariamente bella, deve ter alguma cousa das notas geniaes dos grandes mestres, e o artista que executa aquelle *Typo de belleza* posse uma organização superior.

A reputação de Carolus Duran em Paris é das primeiras do mundo artístico. A sua maior celebridade vem-lhe dos retratos que pinta, sobretudo retratos de senhoras, e que elle fez pagar por 6 e 8 contos de reis fortes. Os millionarios, ou antes, as millionarias que habitam Paris, só ambicionam ser reproduzidas na tela por Carolus Duran — e além dos 6 ou 8 contos de reis a retratada ainda fica muito grata da honra que o artista lhe fez mandando-a *pousar* na sua frente. Os outros pintores de retratos também notáveis e que Paris mais admira são: Bonnat, Bastien-Lepage, Meissonnier e Cabanel. Mas Carolus Duran e Bonnat são os reis da época: Carolus Duran é não só um grande pintor, como também um grande atrrador, e em Paris merece tanto respeito o seu pincel como o seu forrete.

Foi Carolus Duran que indo um dia ao atelier de Columbano Bordalo Pinheiro (quando este original e distinto pintor habitava Paris) para ver o seu primeiro quadro, tanta sympathia lhe inspirou o moço artista, que o apresentou ao jury do *Salon* como seu discípulo, e foi n'esta qualidate que o nome de Columbano apareceu pela primeira vez no catalogo da Exposição de bellas-artes.

Não podemos deixar de mencionar o nome de H. Ulrich, um dos primeiros gravadores da Europa, que executou a gravura que hoje damos, transportando religiosamente para o papel o quadro do eminent artista.

Não nos demoramos no elogio dos dois. Que o publico os aprecie.

O PAE DE GAMBETTA

EALISOU-SE no dia 14 d'abril ultimo, em Cahors, a inauguração do monumento a Leon Gambetta, o illustre tribuno frances, fallecido em 31 de dezembro de 1882.

Hoje Cahors possue a estatua do mais illustre dos seus filhos, a quem a moderna França tanto deve, — e d'essa familia outrora tão modesta e tão ignorada d'onde sahio Gambetta, só hoje resta o pae e a irmã do grande patriota frances.

É o retrato d'esse bom velho, retrato que devemos á amabilidade do nosso collaborador Adrien Marie, que hoje damos na *Ilustração*; d'esse bom velho que em menos de trez annos perdeu a esposa e o filho que foi a gloria do seu nome; d'esse bom velho que o governo frances e a populacão de Cahors tanto vitoriou no dia da inauguração da estatua. O pae de Gambetta conta 74 annos.

UM QUADRO DE PHILIPPE ROUSSEAU

EUM quadro da escola francesa tendo todo o encanto e toda a originalidade d'um quadrinho da escola flamenga — d'estas deliciosas obras-primas que se encontram pelos ricos museus de Bruxellas e de Amsterdam.

Philippe Rousseau tem alguma cousa dos artistas dos paizes baixos. Para elle não ha o que se chama o *assumpcio* isto é, o acto de preparar os modelos, de bem os escolher, de os agrupar theatralmente, de os collocar em boa luz. Tudo quanto se tem diante da vista é um bello quadro — para os que são realmente artistas. É d'este modo que pensa Rousseau, e a verdade das suas opiniões é que encontrou diante de si uma meia cheia de preparativos para a confiture que a dona da casa vai fazer com todo o carinho d'uma excellente e bona *ménagère*, e isso lhe bastou para produzir um bello quadro, alegre — e apetitoso!

O PRIMEIRO ENCONTRO

CELICIOSO quadrinho de Wagrez que hoje damos nas paginas da *Ilustração*, despertou verdadeiro interesse no *Salon* de 1883, onde foi exposto, especialmente entre o publico feminino.

Numa decoração encantadora representando a epocha brillante da renascença italiana, o artista collocou esta graciosa scena d'amor.

É adoravel esta *patricia* que desce os largos degraus de marmore com uma indifferéncia fingida, enquanto arde em desejos de se voltar para encontrar de novo o vivo olhar do elegante cavalleiro que faz de desdenhosos.

Os detalhes d'este bonito idyllio são tratados com um cuidado escrupuloso, e a vista recreia-se n'esta composição delicada e sympathetic, cujo encanto faz esquecer completamente um tanto de convenção artistica que ha n'este quadro.

A JUSTICA EM ZANGUEBAR

EONDA os missionarios franceses da congregação do Espírito Santo que primeiro deram á Europa notícias interessantissimas d'uma clínica tribunal de anthropophagi de Zanguebar, com quem os missionarios entretêm relações quotidianas.



TYPO DE BELLEZA

(Quinto de Comillas, Dibujos.)

Este tribo é situada no Ousod, região fronteira ao Zanzibar, limitado ao norte pelo rio Wami e no sul pelo rio Kingamia.

O país actualmente dividido em quatro distritos governados por um *grão-lorde* a que elas dão o famoso título de *mwené*.

Quando um *mwené* morre, abre-se-lhe uma grande covinha enterram com elle varas mulheres da sua tribo, para que lhes sirvam de criadas no outro mundo! Depois organisa-se doidas danças, fazem-se os mais sardanapalescos festins, bebendo-se o bello do sangue humano por cravos que servem de taças, e covandose na carne dos seus similhanças que tiveram a infeliz ideia de lhes cubrir nas mãos! Igualas festanças se fazem quando celebram as eleições d'um novo *mwené*.

Mas como estes figuires não tem o mau gosto de se devorar entre si, e como lhes são preciosas victimas humanas para as suas cerimônias nacionaes e religiosas, organisa monstros em regra.

A carne dos seus vizinhos Wakami sabe-lhes melhor que nemhuma outra. Por isso em diferentes epochas do anno vão aos centos pôr-se de embuscado nas suas fronteiras. Postam-se nos caminhos e a cada Wakami que passa caem-lhe em cima, agarrem-o, amarram-o, até possuirem o numero exigido de prisioneiros de que precisam para os seus banquetes.

Fóro d'isto, são d'uma grande severidade no que respecta a coussas de moral. Castigam rigorosamente o mais pequenino ataque à fidelidade conjugal. O homicidio e o roubo são castigados com a pena de morte.

Contam os missionarios que na ultima viagem que fizeram, acharam n'um caminho, a um kilometro d'uma aldeia, dois cadaveres suspenso pelos pés, em ramos d'árvores, a quatro metros acima do solo, mãos atadas ateiz das costas e secos como bacalhau. Em outros ramos estavam dependurados os fatos dos criminosos. Tomando informações vieram a saber que um dos suppliciados fôr preso em flagrante delito de roubo, que o tinham ali dependurado e depois o mataram a tiros de espingarda. O outro assassinara um dos seus companheiros, que tivera a fraqueza de lhe recusar uma azu d'uma ave. Este criminoso foi dependurado ao lado do primeiro, e as mulheres da tribo entreveram-se a partir-lhe a cabeça á pedrada.

Santos povos!...

O LANCEIRO CRIESPACH

CONVENTENTA mil homens : era infantaria, cavalaria, artilharia... O Imperador passa-os em revista. A Imperatriz e o Príncipe imperial estão ao seu lado. Em torno d'elles plâna, brilha, resplandece o estado-maior dos grandes dias, dos dias solemnes, ao qual se juntou um completo sortimento de estrangeiros da maior distincção.

De repente, a Imperatriz para, admirada, estupefacta. O seu olhar vivo e dextro distinguio um lanceiro azul e encarniço desfazendo enormemente nas fileiras dos seus dragões verdes e brancos.

— Porque é que aquelle lanceiro se encorpaõ no meu regimento? pergunta a soberana ao soberano.

— Não tinha reparado. — Marechal! O marechal ministro da guerra approximava-se.

— Que faz aquelle lanceiro no meio dos dragões da Imperatriz?

— Vou-me informar, Sire.

O nobre ministro da guerra, deixando o estado-maior, trota, trota, trota, até que alcança o marechal commandante as guardas imperies.

— Meu caro marechal, o imperador manda-me perguntar-nos o que faz aquelle lanceiro que o senhor está vendo lá ao longo, nas fileiras dos dragões da Imperatriz.

— Meu caro ministro, confesso-lhe que não estou menos surprehendido que Sua Magestade. Vou tomar informações e dou-lhe a resposta promptamente.

E o marechal que commanda as guardas imperies galopar!... galopar!... galopar!, até que encontra o general de divisão comandante em chefe da cavalaria das guardas.

— Com mil bombos! general, quicais explicar-me o que faz aquelle estupido d'aquelle lanceiro no meio dos dragões da Imperatriz! O Imperador está bem contente, não baha duvidá!

— Com mil raios!... marechal!... ainda o não tinha visto. Vou saber o que tudo isto significa.

E o general de divisão comandante em chefe da cavalaria das guardas começa a trotar : badabum!... badabum!... badabum!... até que encontra o general de brigada, chefe do estado-maior general. Chega ao pé d'este, fatigadissimo, quasi sem poder articular palavra.

— Meu caro. O Imp... pe... rador não com... prehende nem... nem eu tão pouco, o que... faz aquelle lan... lanceiro no meio dos dra... gões!...

— O facto é verdadeiramente estranho e assombroso. Vou-lhe responder n'um instante, diz o general que parte ao trotar, ao trotar, em busca do coronel de dragões.

Mas o regimento pôz-se em marcha : tarata, tarata, tarata! arrebatado pela desfilada.

O general de brigada, chefe do estado-maior general, começa a galopar, hop! hop! hop! durante quinze minutos. Chega todo esbarcado junto do coronel.

— Coronel!... coro... nel! O Imperador manda perguntar como é que o senhor tem um lanceiro nas suas fileiras de dragões!

— Não posso deixar agora o comando do regimento para me informar de semelhante cousa, responde o coronel que vai galopando, hop! hop! hop! de espada em punho. Mas queira dirigir-se ao chefe do segundo esquadrão.

E o regimento continua a desfilar : badabum! badabum! badabum!

O general de brigada, chefe do estado-maior general, faz signal a um ajudante de campo para que lhe venha falar. O ajudante aproxima-se, a toda a brida : plaf!... plaf!... plaf!... plaf!...

Vá perguntar ao commandante do segundo esquadrão dos dragões da Imperatriz, da parte de Suas Magestades, por que razão é que está um lanceiro metido nas fileiras.

O ajudante de campo parte a toda a brida, n'um galope desfeito : plaf!... plaf!... plaf!...

— Meu commandante, Suas Magestades querem saber o que faz aquelle lanceiro nas fileiras do seu regimento.

— O que! Nós temos um lanceiro nas nossas fileiras?... O senhor está bem certo do que me está a dizer?... Mas agora reparo... É verdade; por que diabo temos nós um lanceiro nas nossas fileiras? Ora está! Eu não posso agora abandonar o meu com-

mando, mas o senhor tem todas as indicações que deseja se se dirigir ao capitão Grindemil.

— E o oficial desfundo-muito torna a partir, a toda a brida, n'um galope ainda mais desfeito : badabum! badabum! badabum!...

— Capitão!... por ordem do Imperador, por que diabo tem um lanceiro nas suas fileiras?

— Isso deve ser disparate do tenente Glodomiro. Ksse animal não faz senão d'estas! Vou saber tudo a verdade. Confesso-lhe que me parece tólo semelhante ideal de meter um lanceiro nas nossas fileiras. Mas que quer... se eu fosse o commandante: as coisas haviam de marchar d'outro modo!

O regimento desfilava sempre.

E o capitão Grindemil partiu n'um grande galope: trimulabum! trimulabum! trimulabum!

— Alferes Cascapilo, onde está o tenente Clodomiro?

— Meu capitão, o major chama-o.

Tomo o seu lugarmos fileiras. Vá dizer-lhe imediatamente que Suas Magestades estão muito zangadas por verem um lanceiro nas suas fileiras. Pergunte-lhe a causa de semelhante disparate.

O regimento desfilava sempre.

E o alferes Cascapilo afastou-se a toda a brida... Clim!... clim!... clim!... a sua grande espada batendo na panca do cavalo e na bariga da sua propria perna.

Decorreu cinco minutinhos. O alferes Cascapilo não vem. Mas, enfim, uma nuvem de poeira aproxima-se, de nuvem de poeira saca um militar bantado em suor — é o alferes Cascapilo.

— Capitão!... O tenente Clodomiro responde-me: — Ora essa! Eu sei lá d'isso! E o maldito do brigadeiro Kiéntano que é o culpado. Peço ao capitão que espere um pouco, que eu vou tomar informações.

O regimento desfilava sempre, e enquanto o oficial d'estado-maior esperava, o alferes Cascapilo causava horriveis impacienças ao capitão Grindemil.

Mas ati vem o tenente Clodomiro em verquinosa corrida : clap!... clap!... clap!...

O alferes Cascapilo galopa ao seu encontro.

— Então tenente?

— Estamos com a macaca, meu capitão! O brigadeiro Kiéntano está nas ambulancias.

— Com mil demônios!... Estamos bem arranjados!

E o regimento desfilava... filava... filava sempre.

Então o alferes Cascapilo, que era tão finio no conselhos quanto bravo nos campos de batalha, exclamou de repente, tocado por inspiração divina :

— E se nós nos dirigissemos ao lanceiro?

— Ah! está uma ideia que não é tóla, comquanto a discipline se oponna; mas... trata-se de obedecer ao Imperador. Vou ter com o capitão Grindemil que parece estar impaciente. E o senhor, alferes Cascapilo, não se esqueça que tem de responder duas cabeças coroadas! A coisa prompa venha ter comigo.

Durante este tempo, o regimento desfilava... filava... filava mais do que nunca.

O alferes Cascapilo tornou a partir em grandissimo galope : tarabum! tarabum! tarabum!... Vê o lanceiro!... e... e...

— Eh! lanceiro!... Sim, voce o é de baixo! Como se chama?

— Griesbach, de Colmar, meu oficial.

— Por que razão não está em uniforme?

— A minha farda não estava prompta, meu oficial.

... Pois disse-lhe logo! Ha-de ter dois dias de calaboco!

E o ^O ^{lances} Gascapilo ter, ao galope, com o tenente Clodomiro.

— Meu tenente, pode participar ao Imperador que o lanceiro me respondeu que a sua farda não estava prompta.

— Que novidade!... D'isso já eu desconfava. Pois ha-de ter dez dias de calaboco.

O tenente Clodomiro vai ter com o capitão Grindemil.

— Meu capitão, pode participar a Suas Magestades que o lanceiro que infelizmente viram no corpo de dragões é um novo alistado,

e ainda não recebeu o seu fardamento.

— Por essa esperava eu!... O patife ha-de ter um mez de calaboco.

E o capitão Grindemil partiu a todo o galope, em busca do commandante do segundo esquadrão.

Sera necessário acrescentar que em todo este tempo o regimento desfilava... filava... filava sempre?

— Então! Soube alguma cousa, capitão Grindemil?

— Meu commandante, parece que o lanceiro que tanto desagradou ao Imperador, ha ^{poucos} dias incorporado no nosso regimento, ainda não recebeu a sua farda.

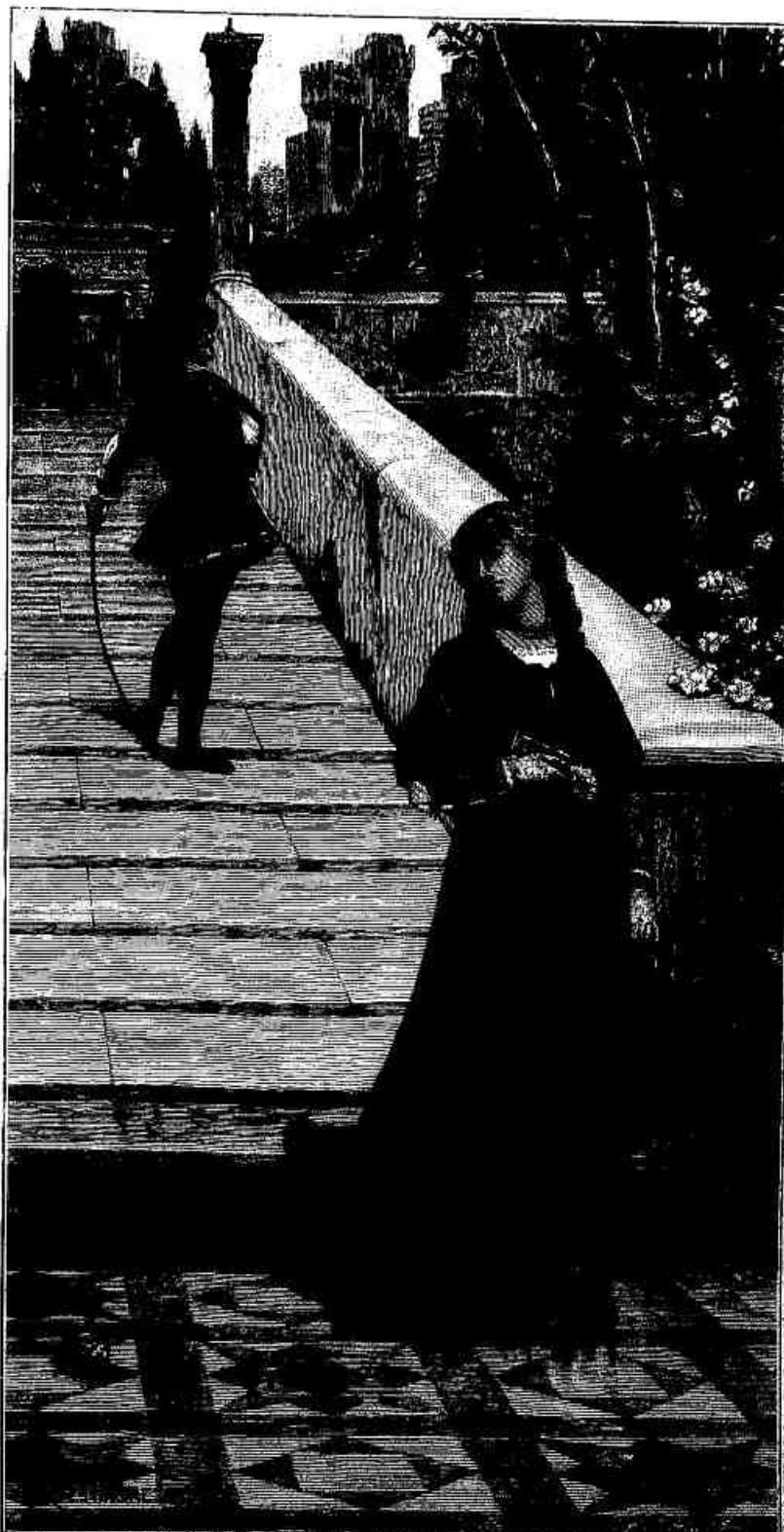
— O senhor toma-me por um imbecil? Não está mal! Vem-me dizer uma cousa que eu estou farto de saber! Ora ferre-me com o lanceiro no calaboco e daí lhe seis semanas de detenção.



O PAE DO GRANDE TRIBUNO LÉON GAMBETTA



UM QUADRO DE PHILIPPE ROUSSEAU



PRIMEIRO ENCONTRO. — Quadro de Jacques Wégesz, gravura de Faude.

E o commandante do segundo esquadrão, pela sua vez, parte a toda a brida. Alcançou em pouco tempo o coronel, à frente do regimento que continha a desfilar.

— Que deseja?

— Meu coronel, o lanceiro...

— E então?

— O lanceiro que quis desonrar e envergonhar o nosso bravo regimento!

— Olheis?

— Um soldado de cavalaria Griespach, incorporado há pouco, e que ainda não recebeu farda por que não estava prompta.

— Ele gastou todo este tempo para o audaciar... Não o felicito pela nova! Mande para os ferros o lanceiro Griespach.

O oficial do estado-maior aproxima-se a todo o galope!

— Então, coronel?

— Não posso deixar a frente do meu regimento enquanto estamos desfilando; mas pode anunciar ao Imperador que justiça será feita. Se o lanceiro Griespach não está em uniforme, é por que não lhe deram a farda a tempo. Queira transmittir a Suas Magestades a expressão do meu maior sentimento por tão lastimoso facto.

— Côrro, coronel!

E enquanto o regimento continua a desfilar, o ajudante de campo, a toda a brida, aproxima-se do general de brigada, chefe do estado-maior general.

General, pode informar Suas Magestades que o lanceiro Griespach, que tanto lhes desagrado, foi há pouco incorporado nos dragões da Imperatriz, e que o fardamento ainda lhe não foi entregue.

— E não quer também que lhe diga que foi Judas que vendeu Christo? Sempre me dá cada novidade!... O lanceiro Griespach, ha-de passar em conselho de guerra!

E o general de brigada, chefe do estado-maior general, larga as rédeas ao cavalo. Em poucos minutos aproxima-se do general de divisão, commandante en chefé da cavalaria das guardas.

— Meu caro general, pode dizer ao Imperador que o lanceiro está há pouco tempo no regimento de dragões, e que ainda não recebeu os seus fardamentos.

— Que desculpa...

— E o que se faz do lanceiro Griespach?

— Que o mandem para a companhia de correção!

E o general de divisão, commandante em chefé da cavalaria das guardas, parte a todo o galope.

— Senhor marechal, diz elle ao commandante em chefé da guarda imperial, o lanceiro...

— Qual lanceiro?

— O marechal sabe perfeitamente... aquelle que o Imperador notou há uma hora e que tanto lhe desagrado, o lanceiro Griespach...

— E então?

— Pelos modos acabam de o incorporar há poucos dias nos dragões da Imperatriz, e ainda lhe não deram os fardamentos.

— Ha que séculos que eu o sei! Que o mandem desautorizar...

— E o marechal, ao galope, vai ter com o marechal ministro da guerra.

— Meu caro marechal, acabo de saber que o lanceiro...

— Qual lanceiro?

— O lanceiro Griespach,

— Que o fusilem!...

— Disseram-me que elle ainda não tinha recebido o seu fardamento; é a razão por que...

— Sua Magestade occupa-se n'este momento da distribuição das medalhas; não sei se devia incomodá-lo...

— Fallando a Sua Magestade do lanceiro Griespach, o marechal não faz mais do que executar as suas ordens...

— É exacto.

E o ministro marcha ao triple galope até ao Imperador.

— Sir!

— Que deseja?

— Queria fallar-vos do lanceiro Griespach...

— Pois bem, déem-lhe uma condecoração.

E é depois disto que o lanceiro Griespach, oriundo de Colmar, traz a medalha dos bravos que mereceu pelo seu valor!

QUATRELLES.

PARIS

Eil-a! A cidade esplendida e famosa, A princesa da Gallia, o triunphant Empório do universo! Avante! Avante, Oh alma deslumbrada e curiosa :

Entra na multidão lesta e ruidosa, Que inunda as ruas como um mar brilhante; Mergulha as azas n'este sol radiante: Carita! respira! sonha! vive e gosa!...

Paris! Paris! Nenhum poder na terra Apagará as cores festejadas D'esse bandella que o futuro encerra :

Que importa a inveja e a ira congregadas! Tu ressuscitas — a voar — da guerra Como a phenix das cinzas calcinadas!...

LUIZ GUIMARÃES Jr.

NOTAS E IMPRESSÕES

A VIGOS meus, que discutiam politica pediram-me a minha opinião acerca dos ministros. Ao que eu respondi resumidamente:

No tocante a ministros estou de perfeito acordo com aquella mulher que rezava no templo de Júpiter, em Syracusa, pedindo a conservação dos dias de Diniz o Tyranno.

— Diz-me, boa velha — perguntou-lhe Diniz que a escutava — porque é que rezas por minha intenção, sendo eu tão detestado pelo povo?

— Senhor! O vosso antecessor era bem mau.

Ora eu pedi a Júpiter que nos livrasse de semelhante criatura. Júpiter ouviu as minhas preces... e o tyranno foi substituído por vós, que sois ainda peior do que ele! Quem sube o que virá depois?

ALPHONSE KARR.

O homem honesto em Paris mente dez vezes por dia, a mulher honesta vinte vezes por dia, o homem do mundo cem vezes por dia. Nunca se pôde saber quantas vezes por dia mente uma mulher do mundo.

*

Uma mulher caza-se para entrar no mundo; um homem para de lá sair.

*

Nas salas ha quatro espécies de individuos : os namorados, os ambiciosos, os observadores e os imbecis.

Os mais felizes são os imbecis.

H. TAINE.

OPINIÕES DE CALINO

Gosto muito mais da lua que do sol... O sol! o sol! Para que é que serve semelhante prenda? Só apparece de dia! Enquanto que a lua, coitadinha, aparece sempre de noite para nos vir alumiar...

*

Não sou homem para admittir covardias. Quando escrevo uma carta anonyma... assigno-a sempre!

MAXIMAS D'UM GASTRONOMO

Os animaes pastam; o homem come; só o homem d'espirito sabe comer.

*

O destino das nações depende do modo como elles se nutrem.

*

Diz-me o que tu comes, dir-te hei quem tu és.

*

A meia é o unico lugar onde ninguem se aborreça durante a primeira hora.

*

A descoberto d'um novo guisado é mais util do genero humano que a descoberta d'uma estrela.

*

Uma sobremesa sem queijo, é uma mulher bonita a quem falta um olho.

*

A dona da casa deve sempre certificar-se se o café é excellente; e o dono da casa se os vinhos são de primeira qualidade.

BRIELLE-SAVARD.

A MENTIROSA

Toda a minha vida só amei uma mulher, dizia-nos um dia o pintor D... Passou com ela cinco anos da mais perfeita felicidade, de alegrias tranquilhas e fecundas. Posso dizer que lhe devo a celebridade que hoje tenho, de tal modo o seu lado o trabalho me era fácil, a inspiração natural. Quando a vi pela primeira vez figurei-me que já a possuía há muito. A sua beleza, o seu carácter correspondiam a todos os meus sonhos. Esta mulher nunca mais me abandonou; morreu em minha cama, nos meus braços, amando-me. Peis bem! quando penso n'ella, é sempre com calor. Se procurar representarm-a tal como a vi durante cinco anos, em todo o deslumbramento do amor, com a sua grande estatura ondulante, a sua palidez dourada os seus traços de judia do Oriente, a sua palava lenta, avultada como o seu olhar, se procurar dar um corpo a esta visão deliciosa é para melhor lhe dizer: *Odeio-te...*

Chamava-se Clotilde. Na casa amigo onde nos encontrámos, era conhecida pelo nome de madame Deloche, e diziam-na viver d'um capitão de navios. Com efeito parecia ter viajado muito. Conversando, dizia-lhe vez, repentinamente. Quando estive na Alexandria... ou então: Quando estive no Valparaíso... Foi d'isto, nada no seu aspecto, na sua linguagem, deixava perceber a vida nomada, nata traiça a desordem, a precipitação das partidas imprevistas e das bruscas mudanças. Era Parisiana, vestia-se com grande gosto, sem nenhum d'estes excessos de vestuário que deixam admirar as mulheres de officiais e de marinheiros perpetuamente em costume de viagem.

Quando percebi que a amava, a minha primeira, a minha única ideia foi de a pedir em casamento. Alguém fallou-lhe de mim. Respondiam simplesmente que nunca mais se tornasse a casar. Evitei então encontrá-la; e como o meu coração estava verdadeiramente ferido, e o meu espírito muito ocupado para me permitir o menor trabalho, resolvi ir viajar. Preparam-me para partir quando, uma manhã, na minha própria casa, entre o amontoamento das coisas dispersas e das malhas em desordem, vi, com grande espanto, madame Deloche que entrava.

— Porque é que vai para lá? disse-me docemente... Porque me ama? Também eu o amo... Sómente (e a sua voz tremia um pouco) sómente sou casada!

E contou-me a sua história.

Um completo romance d'amor e de abandono. Seu marido embriagava-se, batia-lhe, e separaram-se no fim de três anos. A sua família, de que se mostrava muito orgulhosa, ocupava uma elevada posição em Paris, mas desde o seu casamento nunca mais a quizeram ver, nem receber. Era sobrinha d'um grande rabino. Sua irmã, viva d'um oficial superior, tinha desposado em segundos nupcias o guarda-geral da floresta de Saint-Germain. Ela, arruinada por seu marido, tinha felicemente guardado d'uma educação de primeira ordem, completa e muito cuidada, apesar das que eram agora o seu único recurso. Dava lições de piano por casas ricas, e ganhava largamente com que viver.

A história era tocante, mas um pouco longa, cheia destas bonitas repetições, destes incidentes intermináveis que embrulham os discursos femininos. Levei muitos dias a contar-ma. Aluguei, entre ruas silenciosas e relvas tranquilhas, uma casinha para nós ambos. Teria ali passado um anno a ouvir-lhe a admiração, sem pensar no trabalho. Foi elle a primeira que me obrigou a ir para o ofício, e não pude impedir-a que retomasse as suas lições. Esta dignidade da sua existência, por que mostrava ter tanto cuidado impressionou-me muito. Admi-

rava esta alma orgulhosa, sentindo-me um pouco humilhado diante da sua vontade formal de nada dever sentir ao seu trabalho. Estavamo-nos, portanto, separados todo o dia e reunidos sómente à noite, em nossa casa.

Que feliz que eu entrava, tão impaciente quando ella não tinha ainda chegado e tão alegre quando ella tinha chegado primeiramente! Das suas caminhadas, por Paris trazia-me ramos, flores raras. Muitas vezes quis obrigar-a a aceitar-me um presente, mas dizia rindo, que era mais rico do que eu, e o facto era que as suas lições deviam-lhe render bastante, porque se vestia sempre com elegância que custa caro, e o prazer de que usava para fazer sobrevalorizar a sua cor e a sua beleza, tinha muitas de velludo, brilhos de setim e de jaspe, espumas de rendas finas onde o olhar descobria sob uma simplicidade aparente mundos de elegância feminina nos mil reflexos d'um só cor.

De resto a sua profissão não tinha de penoso, dizia. Todas as disciplinas, filhas de banqueiros e de jogadores da Bolsa, adoravam-na, respeitavam-na; e por mais d'uma vez me mostrou um bracelete, um anel que lhe tinham dado em sinal de gratidão pelas suas serviços. Foi do trabalho, nunca nos separavamo-nos; não fomos a parte alguma. Sómente, ao domingo, partia para Saint-Germain onde ia ver a irmã, a mulher do guarda-geral, com quem havia muito tempo se tinham reconciliado. Accompanhava-a à estação. Voltava nesse mesmo noite, e muitas vezes, nos dias graciosos, ia esperar-a n'uma estação do caminho, à borda do rio ou no bosque. Contava-me a sua visita, o estudo dos piqueniques, o ar feliz do ménage. Isto pesava-me por sua causa, privada para sempre d'uma verdadeira família, e redobrava de ternura, para fazê-la esquecer esta falsa posição que devia atormentar horrivelmente uma alma como a sua.

Que tempo feliz de trabalho e de confiança! De nada desconfiava. Tudo quanto me dizia tinha em ar tão verdadeiro, tão natural! Só lhe censurava uma cousa. Algumas vezes fallavam-me das casas onde ia, das famílias das suas disciplinas, vinha-lhe uma abundância de detalhes fantásticos, de intrigas imaginárias que ella inventava fatalmente. Tão serena, via sempre o romance em volta de si, e a sua vida passava-se em combinações dramáticas. Estas chimeras perturbavam a minha felicidade. Eu, que queria afastar-me do resto do mundo para viver encarcerado junto d'ella, encontrava-a muito ocupada com coisas indiferentes. Mas podia bem perdoar este senão a uma mulher nova e infeliz, cuja vida tinha sido até ali um romântico bimestre sem desfecho provável.

Só uma vez tive uma desconfiança, ou antes, um pressentimento. Um domingo à noite não entrou em casa. Estava inquieto. Que havia de fazer? Ir a Saint-Germain? Pedi compreendê-la. Depois d'uma noite horrível, estava decidido a partir, quando elle entrou toda palida, toda perturbada... A ironia estava doente. Tinha ficado para trás d'ella. Acreditei nisso que me disse, sem desconfiar d'essa onda de palavras brancas e mais insignificante, perguntou, afogando sempre a ideia principal sob uma multitudine de detalhes inutiles, a hora da chegada dum empregado muito descorてる, um arazo ou comboyo. Duas ou três vezes na mesma semana tornou a ficar em Saint-Germain; depois, a doença acabou, e elle continuou a sua vida regular e tranquilla.

Infinalmente, passados alguns tempo, também cabio doente. Um dia voltou das suas lições, tremula, febril. Declarou-selle um resfriamento, que tomou em poucos dias um aspecto bem grave, e o médico declarou que estava irreversivelmente perdidela. Tive uma dor imensa. Depois só pensei em tornar-lhe mais dores as últimas horas que lhe restavam. Esta família que amava tanto de que era tão griosa, hei de trazê-la ao leito da morte. Sem nada lhe dizer, escrevi primeiramente a sua irmã, para Saint-Germain, e contei a casa de seu noivo, o grande rabino. Não sei a que hora

impôs-lhe eu chegar... Creio que o bravo rabino preparava-se para jantar. Veio todo assustado e recebeu-me no ante-câmara.

Disse-lhe:

— Há momentos em que se devem esquecer todos os odios...

Encorou-me, verdadeiramente espantado.

Continui:

— Sua sobrinha está às portas da morte... nem... Minha sobrinha... Mas não tenho nenhuma sobrinha. O senhor engana-se.

— Por quem é, peço-lhe que esqueça esses odios de família... Estou-lhe falando de madame Deloche, a mulher do capitão...

— Não conheço madame Deloche. O senhor está enganado, afflano-lhe.

E, docemente, encaminhava-me para a porta, tornando-me por um mystificador ou por um doido... O que acabava de ouvir era inesperado, tenível... Tinha-me mentido... Por quê?! De repente accede-me uma ideia. Fui a casa d'uma das suas disciplinas em que me fuius sempre, a filha d'um banqueiro muito conhecido.

Pergunto ao criado:

— Madame Deloche?

— Não é aqui,

— Sei perfeitamente... É uma senhora que dá lições de piano às meninas.

— N'esta casa não há meninas nem piano... Não sei o que o senhor quer dizer.

E fechou-me a porta no coro com mau modo.

Não fui mais longe nas minhas pesquisas. Estava certo de encontrar por toda a parte a mesma resposta. Quando entrei na nossa poeira casinha deram-me uma carta com a marca de Saint-Germain. Abri-a sabendo já o que ella continha. O guarda-geral também não conhecia madame Deloche. E não tinha nem mulher nem filhos.

Foi o último golpe. Assim, durante cinco anos, cada uma das suas palavras tinha sido uma mentira... Mil ideias de ciúme cercaram-me um momento; a perdido, sem saber o que fazia, entrei no quarto onde elle estava presas a morrer.

Todas as coisas que me atormentavam caíram de choque sobre este leito de dor.

— Que tinha que fazer em Saint-Germain todos os domingos?... Em casa de quem passava os dias?... Onde é que ficou n'aquella noite?... Ande, responda-me!

E inclinou-me sobre elle procurando no fundo dos seus olhos ainda ativos e bellos as respostas que esperava com angústia; mas conservou-se muda, impassível.

Recomeçou, tremulo de raiva:

— Não dava tal lições! Tenho andado por toda a parte! Ninguém a conhece... D'onde viu-te entrar esse dinheiro, essas rendas, essas joias?

Lancou-me um olhar d'uma tristeza horrível, e foi tudo... Na verdade devia tê-la poupado, deixá-la amarrar o repouso... Mastinha-a amado muito. O ciúme era mais forte do que a piedade. Continui:

— Enganaste-me durante cinco anos. Mentiste-me todos os dias, a todas as horas... Conheces toda a minha vida e eu nada sei da tua! Nada, nem mesmo o teu nome? Porque não te pertence, não é verdade? este nome de que tu usas... Mentirosa! mentirosa! Dizer que vai morrer e não sei com que nome a hei de chamar! Então, quem és tu? D'onde vens? Que viste fazer na minha vida?... Mas fala! Diz alguma cousa!

Baldados esforços! Em vez de me rapanha, voltou tristemente a cabeça para a parede, como recebendo que o seu último olhar me revelasse o seu segredo. E lá assim que ele morreu, a desgarrada. Mentirosa! hei de te dizer.

Alfonso E. L.



A justiça em Banguêbar. CASTIGO DADO AOS LADROES E ASSASSINOS.

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

DIRECTOR MARIANO PINA

AGENTE NO BRAZIL

GAZETA DE NOTÍCIAS — Rua do Quindor, 70. — RIO DE JANEIRO

AGENTE EM PORTUGAL

DAVID CORTEZ — Rua da Atalaya, 42. — LISBOA

EDIÇÃO PARA PORTUGAL

EDIÇÃO PARA O BRAZIL

PREÇO DA ASSIGNATURA

PREÇO DA ASSIGNATURA

Anno	400
Semestre	1.200
Trimestre	600
Avulso	100

Anno (Corte)	12.000
Semestre	6.000
Anno (Províncias)	12.000
Avulso	500

ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTAMENTE

ESCRITÓRIO: Largo Paixão, 7, n.º 10 — PARICE